

## **Novos contornos dos movimentos sociais: apontamentos a partir das manifestações brasileiras<sup>1</sup>**

Rafaela Caetano Pinto<sup>2</sup>

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Ivete Trevisan Fossá<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **Resumo**

Este trabalho traz considerações teóricas acerca dos movimentos sociais e atualiza este conceito a partir de autores como Castells (2013) e Scherer-Warren (2011) a fim de entender de que forma os movimentos sociais contemporâneos caracterizam-se enquanto atores sociais e de que forma sua atuação concretiza-se no espaço físico social. Para tanto, exemplifica-se os novos contornos dos movimentos sociais através das manifestações que ocorreram no Brasil, em junho de 2013, um marco histórico no país, que levou às ruas milhares de pessoas para protestar por melhorias sociais.

**Palavras-chave:** Movimentos sociais; Movimentos sociais contemporâneos; Manifestações brasileiras.

### **Introdução**

Os movimentos sociais são ações coletivas que tomam para si os problemas sociais em forma de objetivos passíveis de melhoria. Estas ações não tiram a responsabilidade do Estado em relação às suas políticas públicas de melhoria social, mas permitem que os indivíduos exerçam os seus direitos de democracia e cidadania, demonstrando que eles não são apáticos quanto aos problemas sociais. Assim posto, faz-se possível entender os movimentos sociais como ações coletivas voltadas para objetivos sociais (GOHN, 2003).

Os movimentos sociais passaram por diferentes momentos e, de acordo com o período, tiveram suas especificidades características, conforme aponta Scherer-Warren (2011). Para a autora, há uma reestruturação na composição destes movimentos. Se, antes, eles assumiam características de lutas de classes, hoje, procuram atuar em rede e através dos meios de comunicação a fim de gerar maior discutibilidade por meio da circularidade de ideias.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP de Comunicação para a Cidadania, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, email: rafarpufsm@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria e do curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria. Tutora do PET Ciências Sociais Aplicadas, email: fossa@terra.com.br

Esta ideia igualmente é compartilhada por Castells (2013). Segundo o autor, os movimentos sociais contemporâneos não possuem lideranças, tampouco um local físico institucionalizado. Sua atuação e mobilização dão-se nas redes sociais, bem como sua organização. Os movimentos possuem um princípio pacífico de ocupação dos espaços físicos pelos manifestantes, transformados em locais de autonomia, para deliberação pública. Ademais, são iniciados por um sentimento de indignação que se transforma em esperança de modificar os cenários sociais.

Nesse sentido, as manifestações que ocorreram em junho de 2013, no Brasil, caracterizam-se como ações importantes dentro do contexto dos movimentos sociais atuais, já que se organizaram nas redes e mobilizaram os indivíduos para protestar por melhorias no país. Além disso, as manifestações representaram um importante marco histórico-social. Este artigo, por meio de pesquisa bibliográfica, traz alguns apontamentos teóricos com o objetivo de caracterizar estes protestos à luz dos contornos dos movimentos sociais contemporâneos.

### **Os Movimentos Sociais: conceito em permanente atualização**

Os movimentos sociais, segundo Maia e Mendonça (2008), são atores coletivos, participativos, que estabelecem interações com os demais atores sociais, sejam eles internos ou externos, sendo que isso modifica os seus contornos constantemente. As redes de interação dão pluralidade aos movimentos, do mesmo modo que criam tensões em seu âmbito interno. Estes atores coletivos também interagem com o ambiente externo a fim de dar visibilidade às suas demandas e aos seus escopos de trabalho.

Os autores em questão afirmam que o partilhamento entre os movimentos sociais e os diferentes âmbitos possibilita que estes atores coletivos, além de tematizar as problemáticas sociais, generalizem os seus argumentos, a partir de uma cultura que seja comum a todos, para que façam com que os demais atores compreendam as suas reivindicações. Maia e Mendonça (2008, p.133 – grifos dos autores) destacam que “[...] os fluxos discursivos que perpassam um movimento social – e que ocorrem em diferentes *âmbitos interacionais* – se cruzam e embasam a própria configuração desse ator”, ou seja, a dinâmica dos movimentos sociais é atravessada pelas relações que se estabelecem a partir das interações postas. Ainda segundo os autores, tais relações permitem uma reapropriação dos sujeitos que reveem as suas perspectivas, o que reflete na sua participação nos movimentos sociais.

Os movimentos possuem objetivos determinados, procuram soluções para dadas problemáticas sociais e, para tanto, necessitam mobilizar os indivíduos para atuarem em sua causa coletivamente. As pessoas envolvidas buscam desempenhar o papel de cidadãos, inseridos em um contexto de democracia e, que na busca por direitos de vida digna, reconhecem deveres implícitos à sua condição de sujeitos ativos. Além disso, em consonância com Gohn (2003, p. 15), os movimentos sociais, “ao realizarem estas ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social”. De forma geral, os movimentos sociais desenvolvem diferentes estratégias para chamar os indivíduos a participar de suas ações na condição de atores fundamentais neste processo.

Segundo a autora, os movimentos atuam como “forças sociais organizadas” (2003, p. 13) que mobilizam os indivíduos, de forma que “energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas [...]” (GOHN, 2003, p. 14). Isso faz com que, de acordo com os objetivos e os valores do movimento, os indivíduos sejam reunidos com o intuito de maximizar soluções em prol da melhoria da vida social.

A relevância dos movimentos sociais não se restringe à práxis da cidadania e da democracia, tampouco à tentativa de minimizar os problemas sociais. Eles colocam em discussão assuntos essenciais à sociedade que, muitas vezes, não são pautados pelos meios de comunicação. Os movimentos sociais, por seu turno, conseguem pautá-los ao desenvolver estratégias que lhes deem visibilidade e, dessa forma, recolocam estes assuntos em discussão na esfera pública. Em consonância com Habermas<sup>4</sup> (2003b, p. 99), os movimentos sociais “captam os ecos dos problemas sociais que ressoam nas esferas privadas, condensam-nos e os transmitem, a seguir, para a esfera pública política”. Estes atores são sensíveis aos problemas sociais e, por meio de função política e social, levam as suas reivindicações até as instâncias detentoras do poder. Neste sentido, os movimentos tornam-se importantes na consolidação da democracia, a partir “da criação de novos espaços, que se tornam arenas de discussão” (QUEVEDO, 2007, p. 30).

Mais do que a ruptura do espaço físico em que se dava a esfera pública, no conceito habermasiano, os movimentos sociais possibilitam a discutibilidade ampliada dos assuntos sociais. A discutibilidade crítico-argumentativa proposta pelos movimentos sociais baseia-se na circularidade de ideias assim como na criação de novos espaços de debate importantes para a maturação da democracia, esta entendida pelas características de liberdade, igualdade, fraternidade e solidariedade, como afirma Quevedo (2007).

---

<sup>4</sup> No livro *Direito e democracia: entre facticidade e validade*, Habermas revê as suas considerações sobre a esfera pública e repensa o papel dos movimentos sociais no contexto social.

A função dos movimentos sociais de promover a circularidade e a discutibilidade de temas na esfera pública caracterizam na concepção de Mafra “o *processo argumentativo* voltado a um âmbito político-legal por meio de um processo gerado por *racionalidade argumentativa e pressão da opinião pública*” (2008, p. 172 – grifos do autor). Nesta ambiência, a circularidade de ideias promove a discutibilidade de assuntos relevantes à sociedade civil, assim como elege as temáticas que merecem ser pautadas e, excluem as de menor importância.

A decisão pela escolha do tema de reivindicação, ou também denominada de escopo de trabalho, é decidida estrategicamente de modo a determinar os programas e objetos que devem ser iniciados e continuados para dar forma às expectativas sociais de longo alcance. O pensar estratégico dos movimentos sociais é compreendido no sentido de que as decisões devem ser entendidas e administradas como processos, resultante do jogo político interno do movimento e do embate entre ideologia interna e ambiente externo (contexto). Mais do que um conjunto de técnicas ou de conhecimentos, o decidir estratégico dos movimentos é um mecanismo de poder, que inclui e exclui, assim como promove a diferença e a igualdade entre os participantes.

Na concepção de Scherer-Warren (2011), as novas tecnologias tem propiciado o surgimento do que a autora denomina de Novos Movimentos Sociais (NMS), que se constituem em rede. A partir deste entendimento sobre os movimentos sociais, Scherer-Warren (2011) afirma que tais atores, de maneira análoga, modificam a sua forma de ação ao atuarem de forma articulada, em redes de movimentos – *networks*. Segundo a autora, a visão não pode estar centrada em cada organização de forma fragmentada. Ao contrário, a visão holística permite o trabalho sistematizado entre as instituições.

A utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e o uso crescente pelos movimentos não só da mídia tradicional como também da nova mídia que nasce com o advento da Internet (*blogs, fotologs, emails, redes sociais, fan pages*) passam a ajudar na estruturação dos movimentos sociais. Outra característica que modifica a atuação destes movimentos na contemporaneidade é a possibilidade de atuação em diferentes locais e espaços, ampliando de forma exponencial, o seu poder institucional e de ação. Em suma, toda esta configuração que permeia as redes de movimento, além de influenciar a opinião pública, exercer pressão política, social e cultural, atua e transforma o imaginário social sobre os movimentos.

Da organização em rede, predominante nos anos 90, os movimentos sociais encontram atualmente nas redes sociais novas formas de atuação e de visibilidade. Castells (2013) realiza alguns apontamentos referentes aos novos modos de organização e atuação dos movimentos sociais a partir da sua forma de estruturação, apoiada em sua ideologia e nas redes sociais digitais, por meio da exemplificação de ações que ocorreram na Espanha, no Egito, nos Estados Unidos, assim como das manifestações ocorridas em junho de 2013, no Brasil.

Os movimentos “*são conectados em rede de múltiplas formas*” (CASTELLS, 2013, p. 159 – grifos do autor), ou seja, a internet possibilita a relação entre os integrantes do movimento independentemente da ocupação do mesmo espaço e destes com outros movimentos que podem enriquecer a discussão da causa. “Embora esses movimentos geralmente se iniciem nas redes sociais da internet, *eles se tornam um movimento ao ocupar o espaço urbano*” (CASTELLS, 2013, p. 160 – grifos do autor). O autor afirma que a hibridização destes dois espaços, o virtual e o físico, resulta em um terceiro que ele denomina “espaço da autonomia” (CASTELLS, 2013, p. 160-161), onde se dão as deliberações.

Os ambientes da internet possibilitam que os movimentos sejam “*simultaneamente locais e globais*”, já que eles atuam localmente com o apoio descentralizado e com a referência de ações realizadas em outros locais do mundo. Ainda segundo o autor, pela própria dinamicidade da internet, estes “*movimentos são virais*” (CASTELLS, 2013, p. 161).

Tempo atemporal, formatação horizontal e sem liderança, origem espontânea e oriunda da indignação, proposta autorreflexiva dos objetivos e ideologias do movimento, hipótese de mudança de valores da sociedade e ações de ocupação, em princípio, pacíficas, são características não apenas definidoras dos novos formatos dos movimentos sociais inaugurados pelas TICs, mas, sobretudo, do aparecimento de sujeitos autônomos em relação às instituições sociais. Os movimentos sociais em rede estão propondo em sua prática “uma nova utopia no cerne da cultura da sociedade em rede: a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade” (CASTELLS, 2013, p. 166).

### **Junho de 2013: as Manifestações no Brasil**

As manifestações que ocorreram no Brasil, em junho de 2013, podem ser traduzidas pelo pensamento de Vainer ao afirmar que:

Governantes, políticos de todos os partidos, imprensa, cronistas políticos e até mesmo cientistas sociais foram pegos de surpresa pelas manifestações de massa que mudaram a face e o cotidiano de nossas cidades em junho. Pela rapidez com que se espalharam, pelas multidões que mobilizam, pela diversidade de temas e problemas postos pelos manifestantes, elas evocam os grandes e raros momentos da história em que mudanças e rupturas que pareciam inimagináveis até a véspera se impõem à agenda política da sociedade e, em alguns casos, acabam transformando em possibilidade algumas mudanças sociais e políticas que pareciam inalcançáveis (VAINER, 2013, p. 35).

Na onda de protestos<sup>5</sup>, as reivindicadas foram em diferentes áreas, tais como: saúde, transporte público, infraestrutura, educação, entre outras. Durante as manifestações, milhares de pessoas saíram às ruas para cobrar medidas do poder público. De acordo com Rolnik (2013, p. 8) houve “uma guerra de interpretações das vozes rebeldes. [...] e fez emergir não uma, mas uma infinidade de agendas mal resolvidas, contradições e paradoxos”.

A cidade neoliberal aprofundou e agudizou os conhecidos problemas que nossas cidades herdaram de quarenta anos de desenvolvimentismo excludente: favelização, informalidade, serviços precários ou inexistentes, desigualdades profundas, degradação ambiental, violência urbana, congestionamento e custos crescentes de um transporte público precário e espaços urbanos segregados. Nesse contexto, o surpreendente não é a explosão, mas que ela tenha tardado tanto (VAINER, 2013, p. 39).

Em consonância com Castells (2013), essa é uma característica dos movimentos sociais atuais: eles não são programáticos. Segundo o autor, não há uma única temática reivindicada; ao contrário, vários escopos são tomados pelos movimentos como passíveis de mudança. Para o estudioso, isso se torna um ponto forte dos movimentos, entretanto, possui seu lado negativo, já que existem diversos objetivos com planos indefinidos.

Os protestos ocorreram em muitas cidades, inclusive fora do Brasil<sup>6</sup>, e foram largamente divulgados pela mídia nacional e internacional. A reação da mídia massiva em um primeiro momento foi negativa e contrária aos movimentos. No entanto, modificou seu discurso quando manifestantes a acusaram de se valerem de filtros para distorcerem a informação e colocar a opinião pública contrária ao movimento. “Esses veículos de

---

<sup>5</sup> Sob o ponto de vista histórico-social, estas manifestações são um marco importante, pois, segundo Fernandes e Roseno (2013, p. 13 – grifos do autor), “As manifestações ocorridas no Brasil em 2013 não eram vistas há mais de vinte anos, desde as manifestações populares pelo *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1992 e o movimento Diretas Já, realizado em 1984”.

<sup>6</sup> Os autores Fernandes e Roseno (2013, p. 14) afirmam que os brasileiros que vivem no exterior apoiaram as manifestações “[...] nas ruas e em frente às embaixadas brasileiras em Nova York, Londres, Toronto, Buenos Aires, Lisboa, Tóquio, Paris, Berlim, Dublin, Barcelona e em mais de 30 cidades ao redor do mundo”. Essa é uma das características enunciadas por Castells (2013), os movimentos são locais e globais. Embora suas causas sejam localizadas, sua luta pode não ficar restrita ao ambiente de origem a fim de angariar apoio em diversos locais.

comunicação foram colocados no mesmo patamar de repulsa que ficaram os políticos e os partidos políticos” (FERNANDES e ROSENO, 2013, p. 91).

Espancados e acusados de baderneiros pela mídia tradicional, os manifestantes encontraram na mídia alternativa forma de divulgar as manifestações sob uma ótica diferenciada, como o coletivo midiático, Mídia Ninja. Além disso, as manifestações tiveram forte poder viral nas redes sociais, o que ajudou a informar o público a respeito do acontecimento e, de certa forma, mobilizá-lo para participar das ações. Fernandes e Roseno (2013, p. 10) afirmam que “as manifestações, em sua grande maioria, tiveram como ponto de origem as redes sociais [...]”. Ainda para os autores, “[...] as redes sociais serviram de ferramenta. A propagação das informações era rápida e se espalhava em razão exponencial” (FERNANDES e ROSENO, 2013, p. 29).

Para Castells (2013, p. 167), “[...] as redes de comunicação digital são um componente indispensável na prática e na organização desses movimentos tal como existem”. Dessa forma, a internet e mais recentemente as redes sociais auxiliam na prática desses movimentos para divulgá-los e para mobilizar os indivíduos, bem como na sua organização, já que eles não possuem lideranças legitimamente estabelecidas e um espaço físico institucionalizado.

A internet não pode ser vista como o estopim de eclosão dos movimentos sociais contemporâneos, já que eles são oriundos da indignação dos indivíduos. No entanto, a internet foi fundamental para divulgar os objetivos dos movimentos e convocar os indivíduos para protestarem em prol de suas causas. Assim, quer-se afirmar que a característica mais importante na composição da nova estrutura dos movimentos sociais contemporâneos é uso das redes sociais, com o seu poder viral, para divulgar as ações e mobilizar os indivíduos. Castells (2013) evidencia o formato da comunicação multimídia nas redes e sua importância nos âmbitos on-line e off-line. Nas palavras do autor,

As redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. [...] ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se (CASTELLS, 2013, p. 176).

Castells (2013) assevera que os movimentos sociais possuem um princípio não violento. Entretanto, quando os manifestantes ocupam os espaços públicos, podem ser repreendidos pela força policial incitando os confrontos. Ainda assim, as manifestações foram consideradas um grande passo para o exercício da cidadania dos brasileiros.

Conforme Fernandes e Roseno (2013, p. 13), “pela primeira vez na história do Brasil, um movimento social foi capaz de percorrer o territorial [sic] nacional em apenas 15 dias, mantendo-se nas capitais, no interior e nas periferias, sem que houvesse líderes, somente representantes que se alternavam”.

Após esse período, a onda de manifestações não foi totalmente silenciada, já que, durante a Copa do Mundo de 2014, alguns protestos foram organizados para questionar o alto investimento do governo no evento em questão, além de outras pautas reivindicadas pelos protestantes. Sobre o Mundial de Futebol, Castells justifica os protestos porque, segundo o autor,

[...] a alegria de ter a Copa do Mundo de futebol no Brasil e de que a seleção canarinho volte a vencer converteu-se num negócio mafioso de corrupção em grande escala, do qual participam empresas de construção, federações esportivas nacionais e internacionais, e administrações públicas de diversos níveis, utilizando em boa medida fundos públicos sem controle de contas (CASTELLS, 2013, p. 179).

Em meios às manifestações, não se pôde identificar um movimento social, em específico, embora o movimento tenha sido deflagrado pelo aumento nas passagens do transporte público. Na concepção do Movimento Passe Livre (MPL), “as mobilizações sempre foram mais amplas que o Movimento Passe Livre [...] e eclodiram, por vezes, em cidades e regiões onde nunca houve atividades do movimento. As lutas pelo transporte no Brasil formam um todo muito maior do que o MPL” (MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO, 2013, p. 17).

Corroborando com a afirmação do MPL, Castells (2013, p. 178) reafirma esta opinião ao enunciar que o surgimento das manifestações foi natural: “Sem que ninguém esperasse. Sem líderes. Sem partidos nem sindicatos em sua organização. Sem apoio da mídia. Espontaneamente”. As manifestações foram plurais, diversos movimentos sociais e pessoas, em diferentes locais, mobilizaram-se em prol das causas defendidas durante as manifestações. Isso dá uma base importante para a visibilidade dessas ações, assim como enriquece as discussões sobre os assuntos em questão.

Castells (2013) evoca essa característica como própria destes novos movimentos sociais quando afirma que eles não possuem uma liderança institucionalizada. Ao contrário, os movimentos são governados pelos integrantes das manifestações. Segundo o autor, isso ocorre devido à desconfiança que os manifestantes possuem do sistema político e pela negação de delegar o poder. Para o autor (2013, p 163 – grifos do autor), “*a horizontalidade*

*das redes favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo em que reduz a necessidade de liderança formal”.*

O que se pode afirmar é que as manifestações populares alertaram o poder público que, tão logo, em resposta, se pronunciou e propôs medidas para minimizar os problemas e os protestos. De acordo com Fernandes e Roseno (2013, p. 10), o cenário foi de políticos “votando em medidas urgentes para reformas políticas e sociais do país e apresentando uma longa pauta de propostas”.

Ainda nas palavras destes autores,

Os manifestantes foram legitimamente reconhecidos pelo governo com declarações da presidenta e de políticos, que publicamente se posicionaram em conformidade com os protestos pacíficos, de direito da cidadania, próprios de um regime democrático, mas criticaram com veemência atos de vandalismo de grupos radicais e indivíduos belicistas, que destoavam da maioria dos manifestantes pacifistas (FERNANDES e ROSENO, 2013, p. 51).

Para os mesmos autores, a presidente, Dilma Rousseff, que se pronunciou no dia 21 de junho, um dia após cerca de 120 cidades serem tomadas por aproximadamente 1,5 milhão de manifestantes, além de propor medidas para as áreas da saúde, educação, transporte público, política e economia, legitimou as manifestações e se colocou aberta ao diálogo com os manifestantes. Para Castells (2013, p. 180), em seu discurso, a presidente afirmou “que ‘tinha obrigação de escutar a voz das ruas’. E fez com que seu gesto de legitimação do movimento fosse acompanhado da recomendação, seguida pelas autoridades locais, de se anularem os aumentos das tarifas de transporte”.

É relevante também salientar que as manifestações que ocorreram no Brasil, em junho de 2013, enquadram-se nos contornos já apontados por Scherer-Warren (2011) quando mostra a transição para o que a autora denomina de Novos Movimentos Sociais (NMS). Segundo a autora, os movimentos sociais atuam em rede – *networks*. Dessa forma, conseguem expandir a sua ação e dar maior visibilidade aos seus escopos através ainda do suporte comunicacional.

Castells (2013) igualmente trabalha com o conceito de redes embasado na configuração própria das redes sociais da internet e de que forma suas potencialidades podem ajudar na constituição dos movimentos sociais contemporâneos. Outra perspectiva trazida pelo autor é o poder de indignação dos indivíduos participantes dos movimentos e a sua transformação em entusiasmo para mudar a realidade posta. O autor resume esse pensamento ao dizer que

Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudança coletivas, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo, que reforça a mobilização societária intencional. Indivíduos entusiasmados, conectados em rede, tendo superado o medo, transformam-se num ator coletivo consciente (CASTELLS, 2013, p. 158).

Este foi um ponto salientado nas ações: de que o povo brasileiro “havia acordado” ou que “não havia dormido” para as mazelas sociais e de que havia “saído do *Facebook*” para ir às ruas. As manifestações de junho de 2013 exemplificam de que forma a ação foi mobilizada através das redes sociais, de suas múltiplas plataformas e de sua comunicação multimodal e pela esperança do povo, no dizer de Castells (2013).

De forma confusa, raivosa e otimista, foi surgindo por sua vez essa consciência de milhares de pessoas que eram ao mesmo tempo indivíduos e um coletivo, pois estavam – e estão – sempre conectadas, conectadas em rede e enredadas na rua, mão na mão, tuites a tuites, post a post, imagem a imagem (CASTELLS, 2013, p. 179).

Entende-se que as manifestações que ocorreram no país, em junho de 2013, demonstraram, por meio da sua visibilidade e legitimidade, que o povo unido tem forças para questionar o poder público e cobrá-lo pela criação de políticas públicas. Não se pode afirmar que as manifestações foram iniciadas por um movimento social em específico, mas ela uniu diversos movimentos e indivíduos que lutavam por objetivos comuns. Através, principalmente, das redes sociais, a indignação foi sendo compartilhada e os atos nos ambientes físicos foram tomando as ruas do país em busca de respostas e possíveis soluções oriundas das políticas governamentais.

Nas palavras de Castells (2013, p. 178) “um grito de indignação [...] foi se transformando no projeto de esperança de uma vida melhor [...]”. As manifestações brasileiras demonstraram seu poder em rede através da sua divulgação freneticamente viralizada nas redes sociais e de sua atuação enquanto tessitura em diversos lugares envolvendo milhares de pessoas indignadas com o cenário atual.

Pensando no caso brasileiro, pode-se asseverar que os movimentos sociais mudaram seus contornos e, atualmente, possuem sua forma de eclosão, bem como de atuação diferenciadas das lutas sociais que eclodiram nos anos de 1970. Assim como no Brasil, outros exemplos desses movimentos sociais que ocorreram em outros lugares do mundo mostram que a revolta do povo e o uso das redes sociais para disseminar os ideais desses atores podem transformar o cenário político-social da comunidade em questão.

## Considerações finais

Os movimentos sociais, ao longo dos anos, constituíram-se como fontes de protestos e de reivindicação de direitos e exercício da cidadania. As formas de luta, os objetivos e as estratégias de mobilização transformaram-se, assim como o atual contexto social. Atualmente, os movimentos sociais são fluídos, sua estrutura, atividade e gestão estão constituídas em redes de atuação e nas redes sociais da internet encontram espaço de liberdade para desenvolver possibilidades de participação.

As TICs criam espaços alternativos, com moderada censura quanto ao modo de reivindicar. Com isso, criam-se *sites*, comunidades virtuais, *blogs* e movimentos sociais *on-line* que se utilizam da força de disseminação da informação pela rede *www* para propagar ideias, críticas e reivindicações. No entanto, os espaços de debate não são delimitados apenas ao *on-line*, uma vez que eles chegam às ruas, aos locais públicos e ganham não apenas visibilidade, mas, sobretudo, discutibilidade, característica importante para a formação de uma esfera pública de debate.

Pelo exposto, a partir do caso das manifestações brasileiras, afirma-se que a tessitura atual da sociedade também influencia a formação dos movimentos sociais contemporâneos e sua forma de luta. Os movimentos sociais, no passado, objetivavam outros ideais, formavam-se a partir de outros interesses e reivindicavam diferentes escopos. Hoje, os movimentos sociais nascem de forma diferenciada, sem lideranças, com variadas contestações, mobilizam-se por meio das redes sociais, tomas as ruas, arregimentam muitas pessoas que indignadas postulam do poder público medidas para a melhoria social.

Os movimentos não possuem lideranças legitimadas, no entanto os indivíduos quando coletivizados possibilitam tornarem-se um todo comum e trabalhar em um projeto coletivo, que poderá refletir em mudanças positivas em seus espaços e em suas vidas. O poder do movimento torna-se natural, não se apresentando hierarquicamente, mas sim como sendo de todos. O próprio indivíduo e a população começam a se autocontrolar. Dessa forma, os próprios sujeitos passam a se exigir e a se monitorar, ou seja, já internalizaram o que se espera deles e o que devem fazer; funciona como um processo de autonomia que não necessariamente foi dada, mas que foi aceita e é autossupervisionada.

## Referências Bibliográficas

CASTELLS. Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FERNANDES, Edson; ROSENO, Ricardo de Freitas. **Protesta Brasil**: das redes sociais às manifestações de rua. São Paulo: Prata Editora, 2013.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na atualidade: manifestações e categorias analíticas. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Movimentos Sociais no início do século XXI**: antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 13-32.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. 3v.

\_\_\_\_\_. **Mudança estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003b.

MAFRA, Rennan. **Entre o espetáculo, a festa e argumentação**: mídia, comunicação estratégica e mobilização social. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAIA, R. C. M.; MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Atores coletivos e participação: o uso da razão pública em diferentes âmbitos interacionais. In: \_\_\_\_\_ (Coord.) **Mídia e deliberação**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In: Maricato, Ermínia; *et al.* Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 13-18

QUEVEDO, Júlio. A perspectiva de comunicação na América Latina a partir de seus movimentos sociais como possibilidade de percepção da integração. In: \_\_\_\_\_; IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (orgs.). **Movimentos sociais na América Latina**: desafios teóricos em tempo de globalização. Santa Maria: MILA, CCSH, Universidade Federal de Santa Maria, 2007. p. 26-48.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: Maricato, Ermínia; *et al.* Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 7-12

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

VAINER, Carlos. Quando a cidade vai às ruas. In: Maricato, Ermínia; *et al.* Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 35-40